

# A CONSTRUÇÃO E A EXPANSÃO DISCURSIVAS NAS TRIBOS URBANAS: pregação nazista dissimulada



**Wilson Pereira Dourado**

Mestre em Comunicação e Mercado e Especialista em Teoria da Comunicação –  
Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero; Publicitário; Professor de Criação  
Publicitária e Coordenador dos Projetos Experimentais de Publicidade e Propaganda  
na UNINOVE



A prática simbólica dos discursos é uma estrutura sgnica da sociedade que atua como fio condutor de uma cultura denominada 'sócio-semiótica'. Essa é a disciplina da Semiótica cujo objetivo primeiro é refletir sobre os discursos sociais por meio de suas manifestações discursivas verbais, não-verbais e sincréticas, verificando os modelos em que tais discursos se apóiam e como eles diferem de acordo com suas respectivas funções sociais. Expressam-se esses discursos por meio de estruturas de verbos modais, seguindo a lógica de indicação da ação real ou potencial.

Greimas (1976) construiu a seguinte tabela de modalidades:

VIRTUALIZANTES	ATUALIZANTES	REALIZANTES
Dever	Poder	Fazer
Querer	Saber	Ser
	Crer	Parecer

Essas modalidades são veridictrias e sua lógica é o discurso cujos contextos se expressam nas verdades e nas mentiras que, esquematicamente, estão dispostas da seguinte forma:

Discurso científico: poder fazer saber

Discurso tecnológico: poder saber fazer

Discurso jurídico: poder fazer dever

Discurso político: poder fazer querer

Discurso religioso: poder fazer crer

Discurso jornalístico: poder fazer saber *para* poder fazer querer

Discurso publicitário: poder fazer saber *para* poder fazer querer

Discurso burocrático: poder fazer fazer

Para que se possa compreender este esquema, basta pensar na significação verbal de cada palavra. O discurso científico, por exemplo, obedece à ordem do *poder fazer saber*, ou seja, um sujeito de uma ação adquire uma competência [adquire o poder] para desempenhar [fazer] uma outra competência [saber]. Fica claro, então, que adquirir um *poder científico* é ficar anos a fio estudando para se obter uma competência, um conhecimento. Essa competência dá ao cientista condições de *fazer ciência*, de pesquisar, para então chegar a outra competência que é a descoberta científica, o *saber* quais são os fenômenos que ocorrem em uma determinada experiência. Nessa linha de raciocínio, segue-se todo o restante do esquema montado por Greimas.

Para nosso melhor direcionamento, o *querer* é um fazer que implica prazer e o *dever* é um *não-fazer* que implica desprazer. Assim, quanto às funções dos discursos teremos a:

- Função pragmática: prover [o meio]
- Função hedônica: aprazer [o fim]

Com base nessas informações, deduzimos que os discursos sociais possuem um “enunciador e um enunciatário coletivos, isto é, um segmento da sociedade ou mesmo a sociedade inteira” (Bizzocchi, 2000, p.14). Esse discurso é enunciado por um actante que representa uma parcela dessa sociedade.

Para explanar o assunto, definiremos a partir deste ponto a estrutura de três tipos de discursos e suas respectivas estruturas de poder a fim de ilustrar as modalidades epistêmicas e os aspectos ideológicos semióticos. Para tanto, utilizaremos o nazismo como exemplo, que é, comprovadamente, um fato histórico de grande

representatividade da força de atuação dos discursos sociais que, até hoje, mostram-se vivos em movimentos específicos espalhados pelo mundo.

Faz-se necessário registrar que muitos movimentos da urbanidade contemporânea, até certo ponto violentos, se auto-intitulam apenas como tribos que não aceitam o atual 'sistema' social ou político, não havendo entre elas a pregação de uma nova forma de nazismo. É o caso dos *skins* tradicionalistas, que dizem seguir as verdadeiras origens do movimento nascido na Inglaterra nos anos 60 e que reunia os fãs de *reggae* [inspirados nos *rude boys* jamaicanos], os torcedores fanáticos por futebol [os *hooligans*] e jovens operários – todos contra os *hippies*, seus cabelos compridos e discursos ingênuos de paz e amor. Porém, sabemos da existência de grupos organizados que lutam por um imperativo de supremacia da raça: é o caso dos *White Powers*, que pregam o poder branco por meio de um discurso sustentado, como um lema, pelas seguintes palavras: “Devemos assegurar a existência da nossa raça e um futuro para as crianças brancas.” Ora, não parece estarmos diante um discurso nazista com nova roupagem?

Ao partir do princípio de existência dessas tribos que se formam no seio de uma sociedade tipicamente urbana, até porque foram fundadas no berço de uma sociedade industrializada, manifestando a revolta da juventude operária inglesa, podemos chegar a algumas conclusões científicas acerca da construção discursiva desses grupos organizados, baseando-nos no discurso inicialmente elaborado por Adolf Hitler.

Poderíamos aqui ilustrar o discurso científico, o tecnológico, o jurídico, o religioso ou mesmo o burocrático em inúmeras outras ocorrências, mas atentaremos aqui a três



deles, todos presentes na propaganda nazista, bem como no surgimento do Partido Nacional-Socialista na sociedade alemã, que se viu diante de um conceito ideológico um tanto dogmático e, portanto, persuasivo, pregado por Hitler e seus auxiliares de comunicação: os discursos político e artístico, voltados para o objeto estético e o publicitário.

### **As línguas naturais e a cultura**

Observemos o texto abaixo, de Hitler (1924, p. 246):

Se, por exemplo, a superfície da terra fosse inundada por um dilúvio, e, do meio das vagas do oceano, surgisse um novo Himalaia, nessa terrível catástrofe desapareceria a cultura humana. Nenhum Estado persistiria, os bandos se dissolveriam, seriam destruídos os atestados de uma evolução de milhares de anos e restaria de tudo apenas um vasto cemitério coberto de água e de lama. Mas, se desse horrível caos, se conservassem alguns homens pertencentes a uma certa raça de capacidade criadora, de novo, embora isso durasse milhares de anos, no mundo, depois de cessada a tempestade, se notariam sinais da existência do poder criador da humanidade. Só o desaparecimento das últimas raças capazes transformaria a terra em um vasto deserto. O contrário disso vemos em exemplos do presente. Estados têm existido que por não possuírem, devido a suas origens raciais, a genialidade indispensável, não puderam evitar a ruína.

Nossa idéia, neste artigo, é discutir os fatores mediatizadores dos discursos que tornam possível a expansão da comunicação e revelam-se responsáveis pela fabricação

cultural de uma sociedade que, ao carregar consigo uma língua, carrega também a bagagem cultural transferível a cada membro que a compõe.

Para Hitler, o Estado era um meio para um fim e possuía uma função pragmática, para atingir uma função hedônica. Pretendia, dessa forma, cativar o povo alemão com um novo discurso destinado a fazer da ideologia de um novo Estado a grande razão da preservação de uma raça única, sem igual, que não sucumbiria com outros Estados não tão geniais como a nova Alemanha.

Na fala de Hitler, observamos os discursos dóxicos caracterizados pelas modalidades complexas *poder crer*, *dever crer* e *querer crer*. Esses discursos dóxicos apóiam-se sobre modalidades complexas: *poder saber* e *poder crer*, constituindo metatermos simples que, articulados, compõem metatermos complexos. Havia credibilidade, bom senso e largueza de visão nas propostas nazistas, o que caracterizava o Racionalismo; intuição e esperança do povo alemão, o que projetava novas perspectivas à nação, caracterizando o Misticismo; o Dogmatismo estava presente na alienação ao sistema e no preconceito em relação ao judeu; no discurso Nacional-Socialista, na censura ética aos propósitos do nazismo e no rompimento do senso crítico caracterizava-se o Ceticismo. Assim, encaixam-se na estrutura do discurso nazista os metatermos complexos Racionalismo, Misticismo, Dogmatismo e Ceticismo.

Porém, como toda ideologia, o nazismo pretendia e necessitava expandir sua mensagem ao povo alemão. Com esse objetivo, utilizou a publicidade – meio de comunicação sedutor – para conduzir os fatos a uma apreensão

aparentemente racional. Para *crer* era necessário um *saber* que pudesse ser observado e experimentado. Como o *crer* não é passível de demonstração, podemos afirmar que uma doutrina estava sendo estabelecida. Embora isso esteja intrinsecamente ligado ao discurso religioso, cabe refletir se todo discurso político não pressupõe uma fé ou vice-versa. Curiosa foi a forma como o discurso publicitário foi conduzido em tal circunstância: valia-se de outro discurso, o artístico, apoiado em preceitos estéticos.

Possuímos inúmeros exemplos de como a mídia pode propagar uma crença. Vivemos em uma sociedade de consumo em que os objetos de desejo são os nossos objetos de valor, pois assumem vida e projetam novas perspectivas sociais. Esses valores são conduzidos, sem dúvida alguma, aos nossos valores morais e o pensar social passa a ser o pensar em grupo – as nossas tribos.

Nosso recorte caracteriza agora o pensar das tribos neonazistas espalhadas pela sociedade. As tribos urbanas são características de nossa urbanidade; efetivar-se como tal é um fato realizador para os *skinheads* ou mesmo para os *White Powers*. Vimos que Hitler dizia ser Estado um meio para atingir um fim e que sua instauração tinha como razão a preservação de uma raça única. Hoje, porém, o Estado não comporta tal ideologia, uma vez que toda a humanidade já condenou o horror do regime nazista.

Essas tribos neonazistas, então, tornam-se grupos descentralizados no contexto da organização estatal. Assim, a formação desses grupos acaba obedecendo naturalmente à ordem da rebeldia, já que os moldes sociais rejeitam sua proposta de formação. Se há tal recusa, a implantação de um

grupo só pode ser de ordem fechada entre seus membros, que se manifestam agressivamente porque o *poder fazer* torna-se inviável, restando apenas o *querer fazer* que não se instaura, pois a competência deste tipo de *poder* socialmente não é mais possível.

Numa primeira análise, Hitler (1924, p. 263) pregava aquilo que os gregos chamavam de *tekné*, ou seja, toda atividade exigia uma certa habilidade:

Prefere-se, nos tempos de materialismo de hoje, que a nossa educação intelectual se oriente cada vez mais no sentido de especializações técnicas, como matemática, física, química etc. [...] A Educação deve sempre e cada vez mais atender às exigências profissionais[...]

Cabe aqui uma indagação: Hitler intentava propor uma formação estritamente técnica com o intuito de restringir o pensamento intelectual, muitas vezes questionador dos fatos e transformações sociais?

Não é nosso intuito afirmar que essas áreas do conhecimento não fazem parte do universo intelectual, até porque a matemática é puramente filosófica; no entanto, do ponto de vista do Nacional-Socialismo, essas formações técnicas deveriam contribuir com o novo esquema de produção industrial. Sabemos, porém, que a renovação da Alemanha dependeria de uma ascensão também intelectual de seu povo, associada à contribuição técnica que essa poderia dar, ou seja, os avanços científicos, tecnológicos e mesmo esportivos, como forma de cultivar o corpo, deveriam ser 'aplicados' para que uma nova raça superior pudesse surgir.

Mais uma vez percebemos os moldes simbólicos presentes no comportamento das tribos neonazistas. O culto ao corpo se faz presente em praticamente todos os seus membros, corpos fortes e musculosos sendo usados como fator intimidador.

### **A propagação ideológica**

O discurso publicitário valia-se daquilo que convém descrever como um *poder fazer saber* para *poder fazer querer*. Em outras palavras, a propaganda a serviço do nazismo convinha ao padrão da informação, enquanto verdade do discurso, lembrando que, para obtermos esse conceito, teremos de deduzi-lo de um *ser* e um *parecer*, ou, dependendo do olhar crítico da atualidade, podemos dizer que ela estava engendrada em uma mentira, deduzida a partir de um *parecer* e não de um *ser*, ou em um segredo, a partir de um *ser* e não de um *parecer*.

Para retratarmos a propaganda nazista, no entanto, é necessário citar o que convinha difundir ao povo alemão, para que 'funcionasse' como grande elo persuasivo, com ares de Racionalismo. Hitler cultuava também o belo, retratado pelos gregos como *poiēsis*, revelando sua grande admiração por esse povo e sua identificação com o culto ao corpo belo e são. Quando da invasão de Atenas, que ele próprio proibira de ser bombardeada, disse que se conseguisse construir uma nação como a deles, a raça alemã jamais sucumbiria. Pintor frustrado, por ter sido recusado na Escola de Belas Artes, Hitler tinha verdadeira paixão pela arte clássica e condenava a arte moderna, largamente utilizada pela propaganda nazista para atender aos seus propósitos de demonstrar o que não era o ideal para a nova raça alemã.

Hitler compôs seu ministério com homens ligados, de alguma forma, à criação artística – escritores, pintores, músicos e especialistas em cinema. Na sua empreitada política e disseminação da ideologia nazista, utilizou-se da arte como forma de ‘imitar’ a realidade, com o objetivo de propor um modelo de beleza para a nova Alemanha, utilizando-se de um método emotivo e de um processo cognitivo emocional. Sua modalidade básica era a de *parecer* para atingir a função hedônica instalada na função estética. Para isso, a propaganda nazista utilizou vários métodos persuasivos que induziam a população a tal compreensão: fazia comparações de doentes mentais e físicos com a arte moderna, deturpando-a e utilizando médicos palestrantes para mostrar em que o mundo moderno ‘queria’ que nos tornássemos; promovia inúmeras exposições da ‘arte degenerada’, abertas ao público, para que este pudesse *crer* em tal teoria e, ao mesmo tempo, promovia grandes obras de reconstrução da Alemanha, em especial na cidade de Berlim, com proporções astronômicas para que dela se fizesse uma grande capital e, simultaneamente, representassem um discurso que demonstrasse ao povo alemão sua força e superioridade.

Essa visão de mundo nos mostra que, desde aquela época, pouco mudamos em relação à propagação dos discursos. Quando se trata de discursos persuasivos, precisamos pensar na sedução estendida a cada um deles. Sedução não pode ser entendida como apelo estritamente ligado ao sexo, mas a todo processo que caracteriza a aproximação entre o sujeito e seu objeto de valor por meio de um processo de interesse.

Hoje, as tribos com tendências neonazistas, divididas em seus grupos, não possuem o mesmo argumento que Hitler

utilizava para falar de arte degenerada. Para eles, a degeneração ocorre na organização social e política e todos os que não seguem os princípios estabelecidos pela ordem de seu grupo não podem participar contextualmente da força e superioridade que acreditam ter.

A conjunção de atitudes conduz inevitavelmente ao fanatismo, situação em que a crença, enquanto posição relativa de uma instância ideológica de manifestação da modalidade dóxica em que se encontra o sujeito, é tomada como verdade absoluta, o que leva a transformar o discurso doutrinário persuasivo-sedutivo em discurso manipulatório-autoritário, caracterizado agora pela modalidade complexa *poder fazer fazer*. (BIZZOCCHI, 2000, p. 16-17).

### **Considerações finais**

Tribos urbanas são formadas a partir de ideologias propagadas pelos mais diferentes meios. Desde a nossa infância, ouvimos histórias aparentemente inofensivas que conduzem aos universos imaginários de reis, rainhas, fadas, monstros, heróis e toda a sorte de personagens que nos fazem sentir a importância dos papéis sociais e demonstram caminhos aparentes de conduta social.

Quando nos tornamos adultos, estamos preparados ideologicamente para atuar em conformidade com padrões de conduta ligados à nossa formação cultural. Tribos urbanas buscam diferenciação social, o que não é muito diferente do comportamento geral da sociedade como um todo, pois estamos nos relacionando durante todo o tempo com situações que nos proporcionem algum tipo de satisfação

social, e que não deixam de manifestar nossa busca pela diferenciação, *status*, posição social.

Claro que, para tanto, cada tribo busca, em sua organização, o ponto-chave que poderá fazer com que haja sua efetivação, sua concretização. No caso das tribos neonazistas, isso se dá, efetivamente, pela pregação da crença na hegemonia da raça, gerando um fanatismo fundamentado em conceitos já pregados em outras instâncias, outras épocas, fato sem novidade no berço de nossa sociedade nostálgica, que vê nos discursos antigos uma sustentação para a propagação de conceitos aparentemente novos.

### **Referências**

BIZZOCCHI, A. L. Modalidades epistêmicas e aspectos ideológico-semióticos dos processos cognitivos. In: *Líbero*, Ano III. v. 3, n. 5, p. 12-17. São Paulo: Ipis, 2000.

GREIMAS, A. J. *Semiótica do discurso científico*. Tradução de C. T. Pais. São Paulo: Difel, 1976.

HITLER, A. *Minha luta*. Tradução Klaus Von Puschen. São Paulo: Centauro, 2001.

### **Bibliografia recomendada**

DEELY, J. *Semiótica básica*. São Paulo: Ática, 1990.

DIEHL, P. *Propaganda e persuasão na Alemanha nazista*. São Paulo: Annablume, 1996.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTAELLA, L. *A percepção: uma teoria semiótica*. São Paulo: Experimento, 1993.

\_\_\_\_\_. *Estética de Platão a Peirce*. São Paulo: Experimento, 1994.

